

Carnaval X Entrudo: formas de regradar o carnaval no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX

*Fabiana Lopes da Cunha*¹

Resumo: O artigo tem como objetivo discutir as tentativas das autoridades do Rio de Janeiro em regradar os festejos carnavalescos e disciplinar os foliões. As formas de se fazer isso em fins do século XIX e início do XX serão no sentido de proibir o entrudo e o uso de algumas fantasias utilizadas por mascarados avulsos, como as de índio e diabinho, que serão associadas ao atraso e à barbárie, a um período da história e da feição urbana que parte da intelectualidade do Rio de Janeiro queria esquecer. Tais manifestações estavam em desacordo com as transformações políticas, sociais, culturais e com a imagem de modernidade que a cidade do Rio de Janeiro pretendia consolidar nesse período.

Palavras-chave: Carnaval. Entrudo. Revistas Ilustradas. Rio de Janeiro

Abstract: This article aims to discuss the attempts of the authorities in Rio de Janeiro to regulate Carnival festivities and discipline the revelers. Some of the ways to do this in the late nineteenth and early twentieth centuries, are connected to the prohibition of Shrove-tide and of the wearing of some costumes by individual masked men, such as Indian and imp costumes, which are associated with backwardness and barbarism, and, therefore, with a period of history that part of the intelligentsia of Rio de Janeiro wanted to forget. Such manifestations were at odds with political, social and cultural transformations, and with the image of modernity that the city of Rio de Janeiro wanted to consolidate in that period.

Keywords: Carnival . Shrovetide . Illustrated Magazines . Rio de Janeiro.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus Experimental de Ourinhos, onde coordena o Centro de Documentação e Memória (CEDOM). Autora do livro *Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas
Galinhas, porco, vaca e mais carneiro,
Os prus em poder do pasteleiro
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas.

Esfarinhar, por rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o taberneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas,

Das janelas com tanhos dar na gente,
A buzina tanger, quebrar painéis,
Querer em um só dia comer tudo.

Não perdoar a arroz, nem cuscuז quentes
Despejar pratos, e limpar tigelas
Estas as festas são do gordo entrudo.²

Ao lermos tais versos é possível ver neles o conceito do “carnavalesco” proposto por Bakhtin³, vinculado ao riso, ao grotesco, à comida, enfim ao que o autor chama de “baixo corporal”. Apesar de terem sido compostos ainda no século XVIII, no governo de D. João V, em Portugal, é quase irresistível não os associarmos ao nosso entrudo e às brincadeiras que decorriam em consequência dele no Rio de Janeiro do século XIX, descrito por viajantes e memorialistas. No entanto, alguns dos itens “comestíveis” passam a ser aqui, produzidos em grande número, como é o caso das famosas “laranjinhas”, ou “limões” feitos de cera. Ao invés de quitutes e outras iguarias, são lançados aos transeuntes e brincan-

tes farinha e todo tipo de água de cheiro ou servida.

Se ocorreram modificações nessas brincadeiras, é possível vislumbrarmos ao observarmos o quadro abaixo, nas atitudes, nas expressões, nas posições e nos gestos, no decote generoso da dama ao centro, ou nos ombros displicentemente deixados à mostra pela escrava que oferece inúmeras “laranjinhas” aos brincantes, elementos do “baixo corporal” vinculados à brincadeira. É interessante observar também o movimento existente na obra, pois não existe nada nela que não esteja oscilando ou se movimentando (com exceção da vasilha com água), tentando nos mostrar, através destes traços, a agitação e a euforia destes momentos.

² COSTA, Luiz Edmundo de Melo Pereira da. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis: 1763-1808*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p.539-543.

³ BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. SP: Hucitec, 2010.



National Library of Australia

nla.pic-an2822612-v

Earle, Augustus, 1793-1838. Games during the carnival at Rio de Janeiro [picture] [ca. 1822] 1 watercolour ; 21.6 x 34 cm. Disponível em: <<http://nla.gov.au/nla.pic-an2822612>>.

Acessado em 15 de maio de 2007.

A ilustração de Earle dá-nos, portanto, uma idéia da animação e dinamismo que estas batalhas possuíam, pois não havia neste momento diferença entre idade e sexos, todos eram alvejados. A ressalva nestas brincadeiras era com relação à distinção social e econômica, pois algumas liberdades só eram permitidas entre “iguais”. Neste caso específico, os únicos que não estão atirando limões ou água são os escravos, que estão na cena para servir aos foliões.

As batalhas de água e limões, as guerras às cartolas e os chamados máscaras avulsos, fantasiados de velhos, pai João ou de índio começam a incomodar parte da elite letrada da capital federal em meados do século XIX. Por conta disso, surge no Rio de Janeiro, um grupo

de intelectuais que organizam uma nova forma de brincar o carnaval, que seria inaugurado pelo desfile do *Congresso das Sumidades Carnavalescas*, em 1855.

Identificadas pela parte da sociedade que podia alugar sacadas de sobrados apenas para vê-las passar, como algo capaz de guindar a folia a um patamar enfim civilizado, essas sociedades carnavalescas conseguiram tornar-se amadas também pelo populacho dos bailes públicos, dos cordões e dos cucumbis, pelos mascarados e pelos grupos de sujos das ruas.⁴

⁴ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 99-100.

Mas, se no correr da história, estas agremiações não “reinauguraram” o carnaval, como afirma Maria Clementina Pereira da Cunha, tal fato se tornará no entanto, um marco reconhecido pela imprensa e intelectuais do período e inspirará charges e narrações de literatos que passarão a diferenciar o entrudo do carnaval, ou a marcar a data deste desfile como o início do carnaval no Brasil.

Os meus patrícios iam ter um bom carnaval,- velha festa, que está a fazer quarenta anos, se já não os fez. Nasceu um pouco por decreto, para dar cabo do entrudo, costume velho, datado da colônia e vindo da metrópole.⁵

E Machado continua, mais adiante:

Um dia veio, não Malherbe, mas o carnaval, e deu à arte da loucura uma nova feição. A alta-roda acudiu de pronto; organizaram-se sociedades, cujos nomes e gestos ainda esta semana foram lembrados por um colaborador da Gazeta. Toda a fina flor da capital entrou na dança. Os personagens históricos e os vestuários pitorescos, um doge, um mosqueteiro, Carlos V, tudo ressurgia às mãos dos alfaiates, diante de figurinos, à força de dinheiro. Pegou o gosto das sociedades, as que morriam eram substituídas, com vária sorte, mas igual animação.⁶

N’*O Mequetrefe*, o jornalista que assina como Cosme, alguns anos antes, em

1881, afirmava que havia uma luta entre o velho Entrudo e o Carnaval e que este teria sido derrotado, por conta do alto custo de seus desfiles:

Havia há muito tempo no Rio de Janeiro o entrudo, mas o entrudo a valer, o entrudo de heróica gamela, como disse França Jr. no *Paiz*.

Veio o carnaval e declarou-lhe guerra de morte. Feriu-se um duelo tremendo, e o Entrudo atirou-se por terra, fingindo-se de morto. O carnaval exultou, e prosseguiu desassombrado na carreira da existência.

Mas de repente o grande *viveur* sentiu que o dinheiro desaparece com mais facilidade que os Castros Maltas. Em pouco tempo achou-se quebrado como estudante no dia trinta.

Vendo isto, o Entrudo ergueu-se, e caiu com unhas e dentes sobre o carnaval. Como durante o sossego, adquirira forças, venceu-o com muita facilidade. O carnaval caiu.

Resta agora saber se caiu definitivamente, ou se também está a fingir, com medo ao urso.⁷

Este tipo de afirmação, de que o carnaval estava morrendo ou de que a falta de dinheiro acabaria impedindo os desfiles das Grandes Sociedades e portanto, o povo carioca não teria carnaval, é uma constante. Este discurso na verdade, buscava afirmar os préstimos carnavalescos como únicos e legítimos representantes

⁵ ASSIS, Machado de. “A Semana”. *Gazeta de Notícias*. 12 de fevereiro de 1893.

⁶ Ibid.

⁷ *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

das festividades de Momo, e perdurará até fins do século XIX e início do século XX.

No entanto, a julgar pela animação que em geral os jornalistas das revistas ilustradas anunciam os ensaios e o troar das zabumbas, o som dos guizos e das interpelações em voz de falsete das máscaras, percebemos que muitos foliões não consideravam o desfile destas agremiações como “os verdadeiros representantes do carnaval” e sim apenas mais uma das inúmeras manifestações carnavalescas que existiam no período.

Luxuosos e pouco voltados para temas populares- desprovidos ainda dos carros de crítica que vão se tornar comuns após a Guerra do Paraguai- os préstitos carnavalescos funcionavam, no interior da folia, como uma espécie de intervalo nas brincadeiras tradicionais do entrudo. Princeses e diabinhos, velhos e dominós paravam por um instante suas troças, zé-pereiras calavam seus bumbos, cucumbis interrompiam por um instante sua dança para vê-las passar, contemplando o luxo das fantasias e carros alegóricos que enchiam os olhos de admiração. Tais elementos reforçavam simbolicamente o distanciamento e o sentido de hierarquia nos festejos carnavalescos, colocando uns no alto, sobre carros e cavalos, e outros no chão, a quem caberia, em sua pobreza, admirar a ostentação do luxo e da riqueza que desfilava diante de seus olhos encantados. Por esse caminho, as sociedades carnavalescas conseguiram obter muito cedo uma intensa aprovação e interesse entre foliões que

pareciam reconhecê-las como mais uma forma de brincar e não necessariamente como a melhor.⁸

Desta forma, apesar das inúmeras tentativas das autoridades de exterminar o entrudo por decreto, de ser noticiada a sua morte e seu fim através de inúmeros jornais e por vários anos, o entrudo continuava a ser brincado entre inúmeras pessoas na Capital Federal. Aliás, durante alguns anos é possível ver nos jornais pedidos dos organizadores dos desfiles para que o público não atire água ou “laranjinhas” nos carnavalescos.⁹ Isto nos mostra que nem mesmo o momento do desfile era poupado das brincadeiras “entrudescas”.

As imagens que passaram a circular em relação ao entrudo com o intuito de exterminá-lo será a do atraso, da barbárie, do mau gosto e tudo o que passa a ser vinculado a esta brincadeira será sinônimo de tais adjetivos. A carta que Ina Von Binzer escreve para a amiga que reside na Alemanha, datada de 17 de fevereiro de 1882, contando suas desventuras durante sua ida ao dentista para arrancar um dente do siso durante os festejos carnavalescos na cidade do Rio de Janeiro, mostra isso. Sua forma de escrever é extremamente engraçada, mas carregada de uma grande dose de raiva:

Grete: você já foi alguma vez ao dentista para arrancar um sólido dente do siso? Talvez...Mas aconteceu por acaso de lhe

⁸ CUNHA, 2001, p. 106.

⁹ Ibid.

atirarem ao rosto, que você cuidadosamente procurava proteger, um projétil duro que estoura, enquanto um jato de água com cheiro de patchuli escorre pelo seu pescoço abaixo? Não? Então você não pode fazer idéia da quantidade de bile que possui.

[...] Fiz esta descoberta na rua dos Ourives. Seu primeiro efeito foi [...] o de roubar-me de um só golpe as lindas ilusões que mantinha em relação à amenidade de minha índole mas- ‘paff’!- um segundo projétil com sua conseqüente inundação escolheu o lado oposto, apagando minha auto-acusação e me enfurecendo de novo: ‘piff’!, outro passou e mais outro pelo meu nariz, indo rebentar na parede, atrás de mim. Procurava abaixar-me para verificar a forma desses terríveis projéteis- ‘puff’-, um estalo chocho na minha nuca despeja água pelas minhas costas abaixo...

Alucinada de tanta raiva, estaquei, esquecendo completamente minha dor de dentes e comecei a olhar em volta. Cercavam-me rostos onde se refletia o atrevido contentamento de quem vê diante de si a manifestação de uma fúria impotente: senhores elegantes, mulatinhos sujos, caixeiros, vadios e até senhoras nas sacadas pareciam transformadas em demônios, rindo-se todos juntos como se tivessem conspirado contra aquela pobre infeliz torturada pela dor de dentes, alvejando-a com os tais objetos resistentes e encharcantes.¹⁰

O ataque com estes projéteis era muito comum durante o carnaval, mas

os estrangeiros eram os alvos preferidos dos foliões. Se para os brincantes era divertido ver alguém que não conhecia este tipo de diversão ser alvejado por todos os lados e observar sua reação, entre espanto e raiva; os visitantes em geral, não tinham a mesma opinião sobre isso. A questão era que, dependendo da situação, o sentido da brincadeira era completamente outro. Por exemplo, ser alvejado por um limão cheio de água perfumada lançado por uma dama, era um sinal muito claro ao rapaz de que ele lhe podia fazer a corte. Era também uma forma do cavalheiro sentir a pele macia de sua namorada, ao esfregar lentamente o limão em seu corpo, em partes que em geral não podiam ser tocadas, principalmente em tempos em que este tipo de intimidade não fazia parte do dia-a-dia do namorado. Isto fica claro nas quadras abaixo:

Todo aquele, que diz não gostar
De um brinquedo do tempo de Adão
Ide vê-lo gostoso quebrar
Sobre o peito da bella um limão! [...]

Joga o belo entrudinho a donzela
Refrigera o ardor de seo peito
Ou na sala, ou da sua janela,
Sem haver quem lhe falte o respeito¹¹

Tal demonstração de afeto nestas “molhaçadas” também são confirmadas muitos anos depois em uma crônica de Machado de Assis:

¹⁰ BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 6. ed. Trad. Alice Rosi; Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2004. p. 81-85.

¹¹ “Da Mulher do Simplício ou Fluminense Exaltada”, *O Mequetrefe*. Rio de Janeiro, 18 de março de 1846.

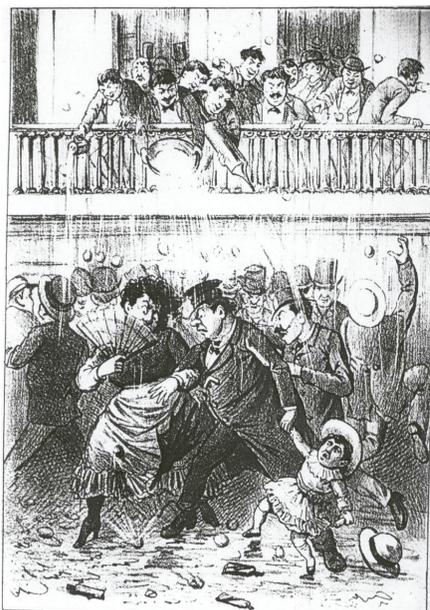
O limão de cera, que de longe podia escalar um olho, tinha um ofício mais próximo e inteiramente secreto. Servia a molhar o peito das moças; era esmialhado nele pela mão do próprio namorado, maciamente, amorosamente, interminavelmente...¹²

A questão é que apesar da grande campanha contra o entrudo, e da comemoração de sua morte desde a década de 50 do século XIX, ele reaparecia sempre no carnaval seguinte. Não bastaram para extingui-lo comentários e artigos recheados de irritação, campanhas de saúde, alertando para o perigo do entrudo e de sua molhada, que tais “banhos” poderiam provocar tuberculoses fatais, ou avisos e proibições feitas pela polícia.

Tais editais ou circulares estabelecem penalidades, especificando-as para o caso de escravos e comerciantes, fixam multas e até gorjetas para cada ‘pretinho’ vendedor de limões de cera que fosse levado à polícia ‘pelo cós das calças’ por qualquer cidadão. Tais circulares e editais muitas vezes assumiam a mesma postura da imprensa ao afirmar a morte do entrudo[...].¹³

A imprensa confirmava essas narrativas através de charges demonstrando como tais batalhas estavam vivas ainda na década de 80 do século XIX.

Ângelo Agostini mostra na charge abaixo, como apesar de todas estas discussões e afirmações de que o entrudo estava morto, ele ainda se dava com grande intensidade em 1885:



Episódios do entrudo de 1885.

“Episódio do Entrudo de 1885”. O Mequetrefe, Rio de Janeiro, ano XI, n.366, 20 de fevereiro de 1885.

Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Bilontra/imagens.htm>>. Acessado em 15 de junho de 2007.

O desenho dá ao entrudo uma conotação extremamente negativa, com bisnagas e limões no chão, dando a aparência de sujeira e desordem, os rostos dos que estão sendo alvejados exprimem raiva e indignação, e a criança no meio

¹² ASSIS, Machado de. “A Semana”. *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1893.

¹³ CUNHA, 2001, p. 73.

desse caos, correndo o risco de também ser atingida. Tal cena tenta demonstrar ao leitor, que no meio de tal brincadeira, os foliões esqueciam-se de todos os códigos da boa conduta e até mesmo famílias acabavam sendo lesadas no meio desse jogo.

Ainda analisando a figura, no fundo há um rapaz tentando subir na sacada para possivelmente desferrar em quem atirou nele. Todos os que, no alto da sacada estão atirando limões, bacias de água ou “bisnagando” os transeuntes são retratados com uma expressão maldosa. Tal ilustração dá uma visão extremamente negativa destas verdadeiras batalhas de águas, “limões” e bisnagas pelas ruas da cidade, e parece ser também a opinião do desenhista.

Machado de Assis ressalta em uma crônica, que neste período o jogo do entrudo nos anos iniciais da República era algo muito diferente do que até então se realizava pelas ruas do Rio de Janeiro em anos anteriores, possivelmente referindo-se ao período imperial:

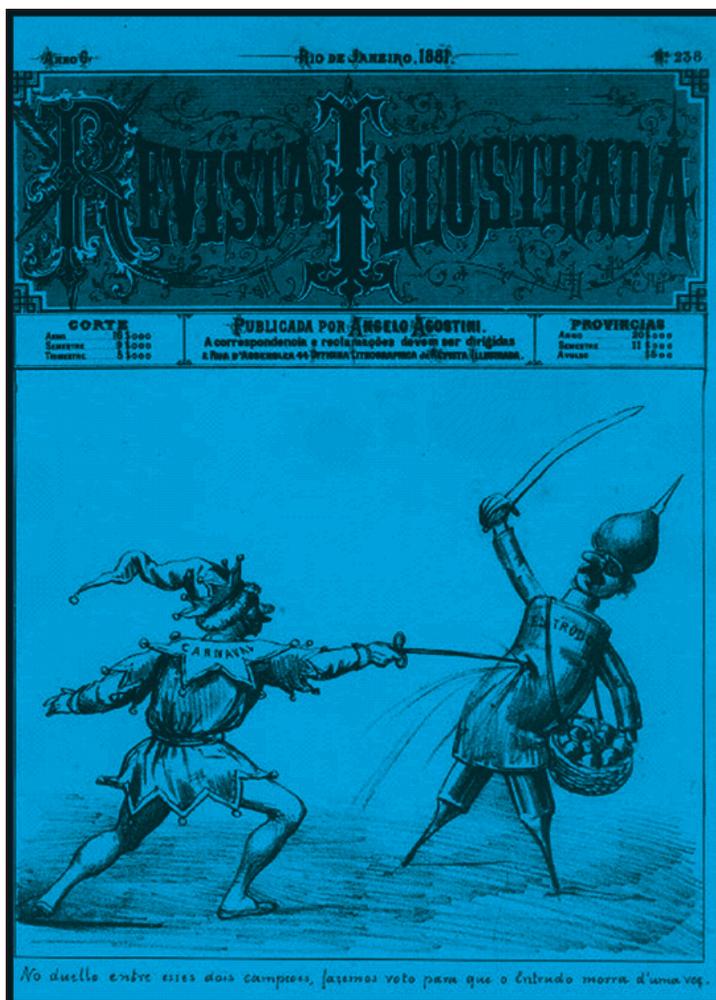
Não pensem os rapazes de vinte e dois anos que o entrudo era alguma coisa semelhante às tentativas de ressurreição, empreendidas com bisnagas. Eram tinas d’água; eram limões de cera. Davam-se batalhas porfiadas de casa a casa, entre a rua e as janelas, não contando as bacias d’água despejadas à traição. Mais de uma tuberculose caminhou em três dias o espaço de três meses. Quando menos, nasciam constipações e bronquites, rouquidões e tosses, e era a vez dos boticá-

rios, porque, naqueles tempos infantes e rudes, os farmacêuticos ainda eram boticários.¹⁴

No entanto, apesar do tempo verbal da crônica se referir a um passado mais remoto, a charge de Agostini exposta acima, confeccionada apenas oito anos antes da publicação da crônica de Assis mostra-nos que as bisnagas foram introduzidas mas as tinas permaneceram nas brincadeiras “entrudescas” provocando uma grande “molhada” nos transeuntes.

Voltemos à batalha entre o Entrudo e o Carnaval, escritos assim, com letra maiúscula, porque ambos eram tratados como duas entidades e retratados como tal. Essa luta era difundida amplamente pela imprensa do período, que algumas vezes ressaltava a vitória de um e de outro, sucessivamente. Nesta charge de 1881, novamente Agostini desenha um duelo entre ambos, mostrando o Entrudo ferido pelo habilidoso Carnaval. O texto é elucidativo: o Entrudo ainda estava vivo, mas a torcida para que ele morresse era grande. Torcida de parte da elite letrada do período e de leitores da Revista *Ilustrada*.

¹⁴ ASSIS, Machado de. “A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1893.



Revista Ilustrada, Ano 6, n. 238, capa, 1881.

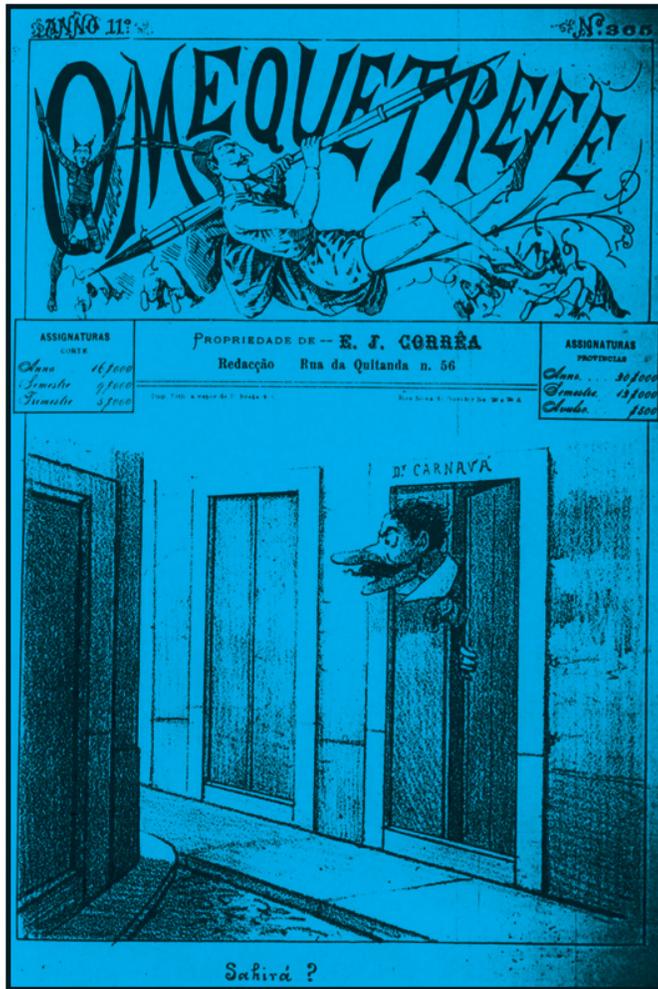
Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cccult/AngeloAgostini/imagem2.html>>.

Acessado em 06 de maio de 2006.

“No duello entre esses dois campeoes, fazemos voto para que o Entrudo morra d’uma vez”.

Outra batalha que também era muito propalada nesse período dizia respeito às dificuldades financeiras que os promotores dos desfiles das Grandes Sociedades carnavalescas sofriam todo ano para conseguirem colocar seus carros alegóricos e de crítica nas ruas e poste-

riormente, na avenida. As dúvidas sobre a solidez do carnaval e suas dificuldades financeiras podem ser observadas através de charges do período e das notícias veiculadas pela imprensa:



“Sahirá?”. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

Nesta charge, o “Dr. Carnavá” parece ter dúvidas se sairá para desfilar nos dias da festividade de Momo. Se contrapormos esta charge à ilustração sobre o Entrudo, feita num período muito próximo, podemos entender que naquele momento, na luta entre o Entrudo e o Carnaval, o primeiro estava levando vantagem. Até porque o custo para tal

brincadeira era infinitamente menor que o dos préstitos levados pela rua e cujos organizares denominavam como o “verdadeiro carnaval”:

O grande caso este ano é que o Carnaval cedeu completamente o passo ao Entrudo. Se não fosse a sociedade dos *Progressistas da Cidade Nova*, poderíamos lavar de uma vez por todas o epitáfio da

grande festa popular. Entretanto, nos bailes houve certa animação; no Santa-na estiveram, na terça-feira gorda, perto de três mil pessoas. O Club dos Tenentes do Diabo e o dos Políticos (os únicos que se dignaram a convidar o *Mequetrefe*) deslumbraram-nos com o esplendor de suas festas *infra muros*.

Fazemos votos para que os Tenentes, estimulados pela lembrança das passadas glórias, resolvam sair da *Caverna* em 1886, e acabem de uma vez com esse pulha, esse miserável que se chama Entrudo, e tem ultimamente deitado as manguinhas de fora.¹⁵

O articulista que assina como Cosme, ressalta aqui o que já pode ser observado nas charges, o Entrudo estava mais vivo do que nunca no carnaval de 1885. O cronista nos conta que o brilho das Grandes Sociedades estava muito mais nos bailes de máscaras do que no desfile de seus préstitos. Incomodado com o pouco brilhantismo do carnaval de rua e da parca participação da imprensa nele (ou ao menos do *Mequetrefe*, que somente foi convidado pelos Tenentes e o Clube dos Políticos para participar de seus festejos), o articulista incita o Clube dos Tenentes do Diabo, a sair de sua sede, conhecida como *Caverna* e fazer um belo carnaval de rua no ano seguinte.

Esta discussão sobre o Entrudo e o Carnaval prosseguiria ainda por muitos anos e entraria no século XX. A última referência a respeito do entrudo nas revistas que pesquisamos consta na revista

Careta de 25 de fevereiro de 1911. Quem faz referência a esta brincadeira é José do Patrocínio Filho, em sua coluna, “Cartas de um Matuto”, em uma carta fictícia escrita por Thereza da Conceição ao seu compadre que mora no Rio de Janeiro, o personagem famoso de Patrocínio Filho, conhecido como coronel Tibúrcio da Anunciação.

Tal narrativa mostra que ainda neste período, apesar da introdução do lança-perfume (uma tentativa de substituir o “bárbaro” entrudo pelo esguicho sutil e perfumado do lança-perfume), o entrudo continuava popular entre os brincantes do carnaval, pelo menos em localidades mais distantes da capital federal, onde a comadre de Tibúrcio, Theresa, ficticiamente residia. A alusão ao preço exorbitante exigido para a aquisição dos vidros de lança-perfume mostra como estas inovações relativas às folias momescas acabavam sendo inacessíveis ao bolso de boa parte da população e que a festa carnavalesca estava ficando cada vez mais cara.

Theresa da Conceição, comadre do personagem Tibúrcio da Anunciação, conta ao coronel através de versos, a molhada a que o vendedor é submetido pelas moças quando estas se deparam com sua avidez pelos lucros que a brincadeira do lança-perfume poderia lhe render:

Seu, Tiburcio, meu compade,
Quando esta a lhe chegá,
Ocês já tarão na Corte,
A's vorta co'o Carnavá.

¹⁵ “O Carnaval e o Entrudo”, *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

Este anno a influencia
Já chegou inté pro cá;
As moça tão assanhada,
Tudo querendo brincá.

Ta por aqui um sujeito
(não sei d'onde elle vem não)
Espaiando que este anno
Houve uma improibição
De não se jogá entrudo,
Nem xiringa, nem limão
E quem desobedecê
Póde é pará na prisão.

O povo aqui não gostaro
Ninguém ficou satisfeito,
Foi, entonce, o individuo
(Veja as arte do sujeito!)
Disse que ia ensiná
Como é carnavá dereito,
Pro povo se adeverti
E brincá, mas doutro jeito.

Ahi elle foi pro rancho,
Chamou argumas pessoa
E disse: “Entrudo decente
N’ é xiringa nem canoa.
Eu trago aqui uns vidrinho,
Isto sim! Que é coisa bôa!
Esguicha um’agua de cheiro,
Mas não moia, sécca atôa.”

Ahi, compade, o sujeito
Tirou da caixa um vidrinho
Fechado das duas banda
Uma dellas co’um ferrinho

O home apertou o ferro,
Espirrou um esguichinho;

Todos ficáro pateta,
Ninguém não via o furinho.

Ahi preguntaro elle:
_ “Môço, quanto custa isso?
Será coisa do diabo?
Não será argum feitiço?”
_ “Não!ocês póde comprá,
Não tem nenhum ompromisso,
Custa, um cinco mirreis,
Mas vale; n’ é desperdiço”

As môça,ahi vendo qu’elle
Queria era lucro grosso,
Seguraro, umas pros braço,
Outras garraro o pesçoço
E, com chapéo, roupa e tudo,
Merguiáro elle num poço.
Coitado! Que banho em regra!
Tive inté pena do môço.

Credo! Que môças sem modo!
Que brincadeira estovada!
O pobre sahiu do banho
Vendendo azeite ás canadá.
Não quiz sabê de negocio,
Não quis sabê de mais nada,
Promptou as mala e de tarde
Metteu o macho na estrada.

De modos qu’inda este anno
O entrudo tá reinando.
Homes, muié, môços, veio,
Ta tudo doido, brincado.
Inté compade Juvêncio,
Co’as perna bamba, arrastando,
Mette no meio das moça,
Co’a xiringa, xiringando.

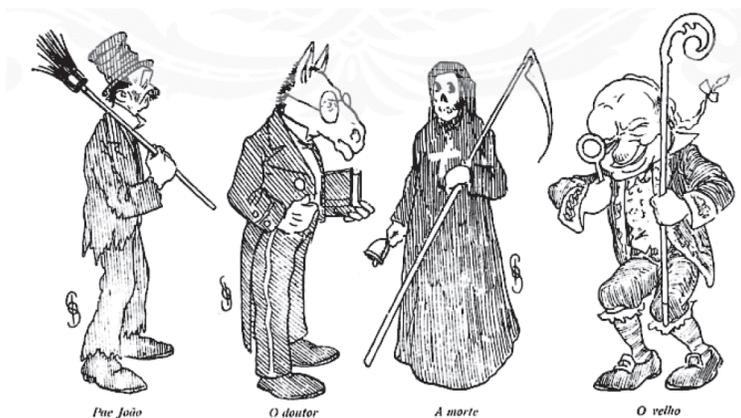
Toda a parte onde ocê vai,
 É só laranja de chêro
 É balde, é bacias d'agua...
 Isso leva o dia intero.
 Honte garraro o vigário
 E foi tal o aguacêro
 Qu'lle sahiu como um pinto.
 Fulo,dando o desespêro[...]
 (Thereza da Conceição)¹⁶

O que ocorria, portanto, é que apesar do esforço das Grandes Sociedades e de seus representantes e defensores (parte deles intelectuais e artistas) para a construção de um carnaval mais homogêneo, durante o século XIX e início do século XX, diferentes tipos de manifestações carnavalescas, a começar pelo entrudo, os ruidosos Zé-pereiras, os mascarados com a famosa interpelação do “você me conhece?”, os cordões e ranchos, conviviam com o desfile das grandes

Sociedades, os bailes e banhos a fantasia, os corsos, os banhos de confete e lança perfume.

Todas estas manifestações serão noticiadas pela imprensa em tons positivos ou negativos, ainda no início do século XX, mas veremos que, adentrando a República, as tentativas de regradar os foliões e as diversas formas de manifestações festivas vão se tornar uma constante e serão difundidas ora como crítica ou saudosismo dos carnavais de outrora, ora com tons de aprovação. Além do entrudo, fantasias como as de diabo, índio, morcego, morte ou caveira, de burro ou a de pai João, passam a ser malvistas porque eram associadas a um tipo de carnaval e carnavalesco que a cidade, ansiando por modernidade, queria exterminar.

ANTIGOS MASCARADOS



Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1909.

¹⁶ Careta, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1911.

Não é por acaso também que em 1911 (mesmo ano em que temos a última citação do entrudo na imprensa ilustrada do período), um artigo da Revista Fon-Fon! descreve estas fantasias como ‘extintas’ ou em vias de desaparecer.¹⁷ Os “máscaras avulsos”, em geral os que utilizavam essas fantasias, já eram alvo das autoridades policiais desde fins do século XIX e os incidentes registrados com estes foliões foram comentados amplamente pelos veículos de imprensa criando, assim, a imagem de perigo que passou a cercar os mascarados, principalmente aqueles que trajassem determinadas máscaras ou trajes que os vinculassem a certos grupos sociais.¹⁸ A mesma imagem de perigo e insalubridade com que o entrudo era difundido por parte dessa imprensa.

Estes tipos e mascarados, assim como as “molhaçadas” do entrudo, referir-se-iam a outros tempos, pois que estas vestes e atitudes, inerentes à quem as portasse, não condiziam com o carnaval educado e elegante que a elite ansiava há tanto tempo. Assim como a cidade e o próprio espaço do carnaval estavam sendo remodelados e repensados, era também urgente que se revissem os “tipos” e formas de se desfilar e brincar pelas ruas.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

¹⁷ Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1911.

¹⁸ CUNHA, Maria Clementina Pereira. 2001. p. 31.

BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 6. ed. Trad. Alice Rosi; Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2004.

COSTA, Luiz Edmundo de Melo Pereira da. *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis: 1763-1808*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Fabiana Lopes da. *Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

Fontes documentais

Da mulher do Simplicio ou fluminense exaltada. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 18-3-1846.

Revista Ilustrada, Ano 6, n. 238, capa, 1881.

O Mequetrefe, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

Sahirá?. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

O carnaval e o entrudo. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1885.

Episódio do entrudo de 1885. *O Mequetrefe*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 366, 20-2-1885.

ASSIS, Machado de. “A semana”, *Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1893.

Fon-Fon!, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1909.

Careta. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1911.

